



## APRESENTAÇÃO

### DOSSIÊ: MULHERES E MÚSICAS: DE CANTOS E ENCANTOS

#### Vozes E Letras No Feminino: Artes Como Expressões, Existências E Movimentos

Vanessa R. S. Cavalcanti (PPGNEIM/UFBA)  
orcid.org/0000-0002-5689-8206

Cambia lo superficial  
Cambia también lo profundo  
Cambia el modo de pensar  
Cambia todo en este mundo.

Mercedes Sosa. Del album discográfico ¿Será posible el sur?, 1984.

Sinto uma ânsia inquieta na solidão. (...)  
Mas aqui ninguém larga a mão (...) oiçam  
muitos e muitas a revolução.

Vânia Couto. Ninguém larga a mão aqui, abril  
de 2024 (50 anos de Revolução dos Cravos).

Quatro décadas separam as canções e as artistas. Ambas, cantautoras de intervenção, de protesto. Cada uma em seu próprio tempo e país. A primeira do sul; a outra, do norte. São representantes de música tradicional, de raízes, de mulheres, seja na Argentina ou em Portugal. Ecoam vozes de outras tantas mulheres: mudar, mudar o mundo, sem soltar as mãos de ninguém.

As vozes altas, firmes, com instrumentos musicais ou de recursos tecnológicos, à capela, livres e as palavras escritas por mulheres aparece na história contemporânea e do Tempo Presente como expressão de existências, de lutas, de manifestos contra regimes ditatoriais e culturas patriarcais. Ao elencar Mercedes e Vânia, tomo de empréstimo suas performances de vida, de educação e de arte para abrir esse dossiê da Revista Feminismos. Mais do que refrões, suas vozes potencializam artes, feminismos, culturas.

De letras, instrumentos mais variados e de origens locais e globais à indústria fonográfica e às circulações alternativas e criativas, não convencionais e estandardizadas, de sambas de roda, cantigos originários à compositoras e maestrinas. Do pop ao clássico, das canções de protesto às modinhas tradicionais, elas estiveram e estão presentes. “Quem canta os males” espanta diz a tradição oral. Sons, vozes, timbres, ritmos, sonoridades e expressões de lutas, lutos e manifestações em tempos históricos distintos perfazem vivências. As colaborações e atuações polifônicas, ocupando territórios e espaços

múltiplos, tornam-se presença e agenda sobre culturas, memórias, histórias e circularidade de saberes e epistemologias feministas.

O dossiê tem como finalidade descrever, analisar e divulgar estudos, obras, comunidades musicais e expressões de meninas e mulheres que ocuparam/ocupam o campo da produção e educação musical como instrumento de experiências individuais e coletivas, refletindo contextos, além de assinalar as múltiplas territorialidades.

Destacar produções, intervenções e performances de e para mulheres, criando interfaces relações de gêneros, sexualidades, classe, raça/etnia, intergeracionalidade, territórios e religiões e ações culturais e históricas foi objetivo desse dossiê.

Composto de seis artigos e uma resenha, esse número especial assinala diversidade, delimitações temporais e narrativas do Brasil, América Latina, Estados Unidos e Europa. As invisibilizações históricas ocupam preocupações acadêmicas-investigativas e - tanto no ensino, pesquisa, extensão - fornecem pontos de partida e acervos documentais interessantes.

A coletânea de artigos denota esses contextos e amplia análises sobre mulheres, movimentos, canções e expressões de distintos momentos históricos e territoriais. Sejam coletividades ou individuais, em gêneros musicais diversos, as músicas feministas e de mulheres configuram polifonias e dissonâncias.

Em “Invisibilidade feminina na música erudita: Josephine Amann-Weinlich e a nova orquestra de senhoras vienense”, de Catarina Sousa e João Manuel de Oliveira, da Universidade de Lisboa, um recuo temporal (século XIX) revela um ineditismo na criação orquestral exclusivamente feminina. Nas lacunas históricas, tanto o percurso profissional individual quanto o conjunto musical marcam criatividade e resistências ao sistema tradicional.

Nina Simone, Sister Rosetta Tharpe, Aretha Franklin e Janis Joplin, abordando ainda trajetórias brasileiras de Nora Ney, Celly Campelo, Wanderléa e Rita Lee como expressões femininas de um determinado momento histórico estão indicadas no artigo – “Por uma narrativa feminina na história do *Rock*” –, de autoria de Patrícia Matos de Almeida, professora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Em suas trajetórias e num gênero musical específico, com destaque às artistas negras, as contribuições delas para história do *rock and roll* podem ser colocadas em seu devido lugar.

Seguindo uma linha cronológica dos recortes realizadas nas pesquisas e nos ensaios apresentados para esse dossiê, o texto “Mulheres compositoras na ditadura militar brasileira”, de autoria de Renato Kendy Hidata (IFSP) e Kamilly Victória Pédi Fontanetti (que foi sua aluna no IFSP e hoje cursa graduação em Engenharia na Universidade de São Carlos), demarca acervo relevante de nomes pertencentes aos circuitos da MPB e reconhece manifestações artísticas de figuras femininas, continuamente ignoradas/apagadas da historiografia musical.

De uma tipologia-gênero a outra, a contribuição contida em “Hip Hop como estratégia de organização da raiva: Contribuições para sobrevivência de mulheres negras de favelas”, que tem como autoras Tamillys Lirio da Silva e Bruna Mendes, ambas da Universidade Federal do ABC, revela outras abordagens e representações femininas. As favelas como geografia e as rappers Nega Gizza e Dina Di dão forma e substância para as autoras descreverem caminhos identitários e resistências no Brasil. São embaçadas, ademais, nas epistemologias feministas de Audre Lorde, Beatriz Nascimento e Marielle Franco.

Em “Rol de la mujer en la música: Reflexiones en torno a la equidad de género”, de Sandra Sánchez Cuervo, revela a experiência vivenciada em período da crise sanitária Covid-19 a partir da Aliança Clar&Sax, composta por musicistas e educadoras do México, Guatemala, Cuba, Costa Rica, Colômbia, Brasil, Peru, Equador, Bolívia, Chile e Argentina. A ênfase foi registrar memórias e propostas coletivas advindas de diálogos e reflexões sobre docência, interpretação, pesquisa e produção musical.

Ainda em contexto pandêmico de investigação, o artigo “Aprende quem ensina e o canto é coral: Vozes femininas em contextos musicais e pandêmicos”, reúne as investigadoras Vanessa Cavalcanti e Bruna Rocha da Silva Cunha nos resultados de pesquisa e extensão universitária para a realidade baiana. Tomando eixos como juventudes, educação musical e direitos humanos, os dados empíricos são coletados nos Núcleos Estaduais de Orquestras Juvenis e Infantis da Bahia (NEOJIBA), programa governamental fundado em 2007.

Como incentivo à produção interna, a resenha é uma partilha de estudantes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM-UFBA). Em “Quatro décadas em cinco: Você não escolhe a arte, ela te encontra”, Samantha de Araújo Carvalho indica ideias centrais na obra do investigador Paulo Goetze, doutorando no mesmo programa, que se debruça sobre a



biografia da cantora baiana, Daniela Mercury, assinalando arte, comunicação e cultura como eixos centrais de uma trajetória no feminino e feminista. O livro “Daniela Mercury: Trajetória, Produção e Inovação”, editado pela Devires (2019), revela a práxis transgressora e crítica ao processo de mercantilização do carnaval, bem como impactos da compositora na cultura, na música popular brasileira e nas pautas de minorias e lésbicas.

Boas leituras e, recomenda-se, escuta acompanhada dessas artistas, compositoras, maestrinas como práxis feminista e necessária em tempo de crises estruturais.

Coimbra, junho de 2024.